

CORREALE, Francesco, 2014, *La grande guerre des trafiquants: le front colonial de l'Occident maghrébin*. Paris: L'Harmattan. Pp, 483.

Francisco Freire¹

Esta obra de Francesco Correale (CNRS / Un. F. Rabelais, Tours) constitui um importante contributo para o estudo de um momento-chave da história do Magrebe Ocidental (e, muito em particular, do reino de Marrocos): as primeiras décadas do século XX. Neste trabalho o historiador, mais do que analisar, compila e sistematiza o aceso a fontes atualmente dispersas por arquivos marroquinos, espanhóis e franceses. A recolha de materiais de arquivo desenvolvida pelo autor é francamente meritória, provando uma enorme capacidade em trabalhar com este método, sobre materiais, na sua grande maioria, centrados em correspondência diplomática europeia. *La grande guerre des trafiquants*, centrada no comércio de armas entre a Europa, Marrocos e a fachada Atlântica sahariana, constituir-se-á também como um ensaio esclarecedor sobre a profundidade dos contactos estabelecidos no início do século XX entre as duas margens do mediterrâneo ocidental. Se o projeto de Correale é de facto importante e inovador no âmbito cronológico que centra este trabalho, seria igualmente relevante apontar de forma mais minuciosa o contexto histórico alargado (e bibliograficamente reconhecido) que inscreve, como fundamentais, as transações de material bélico entre as duas margens do Mediterrâneo ocidental pelo menos desde meados do século XV.

Direcionado para uma audiência especializada, o texto mantém praticamente inalterado o seu formato original, anteriormente apresentado como tese de doutoramento. Face à enorme quantidade de materiais apresentados, o bloco cartográfico (p., 408) reproduzido no final do volume parece insuficiente, sentindo-se a necessidade de recorrer a mapas mais detalhados, centrados nas áreas precisas relativas a cada estudo de caso.

O texto poderá assim ser lido através destes dois registos: 1) enquanto obra destinada a especialistas em Marrocos, e em particular no enquadramento dos diferentes agentes que enquadram politicamente o Reino; 2) ou como obra que

discorre sobre os diferentes contextos coloniais europeus que no início do século XX se digladiavam no Magrebe ocidental. Para o público menos familiarizado com esta geografia, o detalhe desta obra ilumina as profundas interligações existentes entre as duas margens do Mediterrâneo ocidental, alertando para questões eminentemente contemporâneas que marcam, até aos nossos dias, o projeto estatal marroquino.

Disciplinarmente, a leitura mais profícua a retirar deste ensaio prender-se-á com o esforço de centrar o texto na área da micro-história. A massiva compilação apresentada neste volume tem o mérito de ilustrar a diversidade de agentes envolvidos na definição política regional, provando igualmente da sua complexidade. A exploração desta metodologia permite que observemos, através da análise detalhada de alguns exemplos, diferentes formas de abordar a política marroquina, as alianças e rupturas definidoras de uma sociedade complexa, que assim se distancia de uma simples leitura dos contextos “oficiais”. A opção do autor foi a de abrir o texto a uma pluralidade de exemplos que, efetivamente, consolidam um contributo importante para a história social e política da região. Ainda no domínio epistemológico, a também ambicionada inserção deste trabalho na área dos “post-colonial” e “subaltern studies” não parece consequente com as discussões e bibliografias (não) apresentadas, surgindo esta referência tão-só como inspiração que terá movido o autor. Deve ainda destacar-se a incorporação da noção de “resistência armada” no complexo xadrez político regional, corporizando uma prática que é efetivamente válida até aos nossos dias, e que tem sido insuficientemente estudada.

Os diferentes exemplos trabalhados ao longo do texto marcam uma integração espacial e histórica que se estende da região nortenha do Riff, ao interior de Marrocos, ao sul, e ainda a região sahariana de Tarfaya. Nota-se, contudo, uma clara - e inevitável - prevalência dos terrenos do norte, que aqui surgem muito melhor documentados. Teria sido também importante integrar no texto mais elementos relativos às populações hoje geograficamente associadas à República Islâmica da Mauritânia, atestando a extensão eminentemente sahariana do “ocidente magrebino”. No entanto, esse tipo de dados dificilmente se destacam num trabalho arquivístico,

convocando aqui a necessidade de incorporar metodologias que possibilitassem uma mais profunda leitura das populações nómadas do sul.

Este texto define-se sobretudo como um importante contributo para o estudo da evolução mais recente do sultanato alawita de Marrocos, das suas relações internacionais, do seu enquadramento local e regional, assim como dos seus parceiros, concorrentes e claros opositores. Neste sentido, o uso da expressão “tribos” ao longo da obra parece-me merecer ser questionado. O autor qualifica enquanto “tribos” os contextos rurais / remotos de Marrocos e do ocidente saariano, não fazendo justiça à análise crítica – hoje academicamente reconhecida – que aponta o uso abusivo, e politicamente motivado, desta expressão na desqualificação de grupos que de alguma forma questionam, ou que social ou culturalmente se distanciam do ordenamento “oficial” e de uma “marroquinidade” de Estado. Ainda assim, o texto prova uma clara diferenciação entre ordenamentos sociais e políticos locais, e a presença impositiva de diferentes modelos coloniais (franceses, espanhóis e até mesmo alemães). Estes aspectos interferem profundamente na história social desta região alargada, deixando marcas que até aos dias de hoje serão melhor entendidas se munidos do enorme corpus informativo apresentado nesta obra.

¹ CRIA/FCSH-Universidad Nova de Lisboa